

Memória e imaginação em *A memória, a história e o esquecimento*, de Paul Ricoeur.

Mário Santiago

“Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína e as dispenso a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso”. Walter Benjamin, *Sobre o conceito de História*, Tese 9.

“La mémoire est la vie, toujours portée par des groupes vivants, et à ce titre, elle est en évolution permanente, ouverte à la dialectique du souvenir et de l'amnésie, inconsciente de ses déformations successives, vulnérable à toutes les utilisations et manipulations, susceptibles de longues latences et de soudaines revitalisations. L'histoire est la reconstruction toujours problématique et incomplète de ce qui n'est plus. La mémoire est un phénomène toujours actuel, un lien vécu au présent éternel ; l'histoire une représentation du passé. (...) L'histoire ne s'attache qu'aux continuités temporelles, aux évolutions (...) La mémoire est un absolu et l'histoire ne connaît que le relatif”. Pierre Nora

“Le droit à l'histoire est en train de devenir dans nos sociétés démocratiques l'un des droits du citoyen. Cela se voit surtout, pour des raisons évidentes, dans l'histoire du temps présent”. Krzysztof Pomian, *Sur l'histoire*.

“Por que a voz das vítimas para que as armas nucleares sejam destruídas não é ouvida?”. Fumie Sakamoto.

1. Memória como objeto de estudo.

Com a publicação de *Temps et récit*,¹ surge um fato novo tanto para a filosofia quanto para a filosofia da história, visto que, ultrapassando a problematização ontológica do tempo como articulador entre o tempo da alma e o tempo do mundo, a obra propõe uma discussão alternativa entre as posturas irredutivistas, “que reivindicam o ideal científico de verdade na história [e aquelas proposições narrativistas] que desfazem a distinção entre literatura de ficção e narrativa histórica”.² A teoria da “tríplice *mimesis*”, como é conhecida a formulação ricoeuriana, pode ser compreendida como formulação capaz de “manter o ideal científico do historiador e seu afã por encontrar a verdade, conciliando-o, por sua vez, com seu caráter fundamentalmente narrativo”.³ Após duas décadas de intensa discussão sobre o tema das memórias coletivas, Paul Ricoeur publica *La mémoire, l’histoire, l’oublie*,⁴ na qual retoma as análises sobre a história, numa pretensão de superar as tematizações que tendiam a subsumir a história à memória, por um lado, e outras que se inclinavam pela primazia da história. De cunho fenomenológico, a extensa análise de Paul Ricoeur em *La mémoire, l’histoire, l’oublie* destaca o nexo existente da memória com o passado e põe em discussão o seu valor referencial. A perspectiva fenomenológica sintetiza, pois, uma discussão que tem, por um lado o conceito de memória coletiva (Maurice Halbwachs), de talhe sociológico e inspiração durkheimiana e, por outro, a perspectiva epistemológica levantada sobre o assunto por Pierre Nora.

¹ RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Ed. du Seuil, 1983.

² LYTHGOE, Esteban. Consideraciones sobre la relación historia-memoria en Paul Ricoeur. In Revista de Filosofía. Universidad de Buenos Aires. Disponível em: www.uchile.cl/facultades/filosofia/publicaciones/revfiloso/60/pdf/lythgoe.pdf. Acesso em: 07 de julho de 2005.p. 79

³ Ibidem

⁴ RICOEUR, Paul. *La mémoire, l’histoire, l’oublie*. Paris: Ed. du Seuil. 2000.

2. Memória e história

Segundo Pierre Nora, em *Pour une histoire au seconde degré*,

*“Ce qui est nouveau et qui vient de l'insondable malheur du siècle, de l'allongement de la durée de vie, du recours possible aux témoignages des survivants, de l'officialisation aussi des groupes et des communautés, attachées à leur identité, leur mémoire, leur histoire, c'est la prétention de la mémoire collective à une vérité plus 'vraie' que la véracité de l'histoire, la vérité du vécu et du souvenir (...) quelle que soit, au demeurant, la part de reconstruction et de reconduction artificielle de ce souvenir (...) faire une 'histoire au second degré' c'est contribuer à ce que la critique historique se transforme en histoire devenue toute entière critique d'elle-même, et pas seulement de ces instruments de travail”.*⁵

A memória sempre reivindicou para si um certo caráter emancipatório em relação à história, pretensão esta de tal ordem que se põe em confronto, como uma espécie de divisor de águas entre aqueles que defendem a história e os que defendem a memória, especialmente aqueles que se referem aos acontecimentos mais traumáticos que assolaram a humanidade. Segundo Lythgoe, estudiosos e intelectuais como Shoshana Felman, Dori Laub e Frank Ankersmit “propõem que a memória substitua em seu trabalho indagador à história e que leve a cabo o projeto tolstoniano de recolher as memórias de todos aqueles que estiveram envolvidos no evento em questão”.⁶ Segundo este autor, os estudos realizados por Felman, Laub e Ankersmit “rechaçam a possibilidade de uma descrição historiográfica sobre eventos tão traumáticos como os que sucederam nos campos de

⁵ NORA, Pierre. *Débat. Mémoires du XXème siècle*, n°122, nov-déc 2002, pp.29-30. Disponível em <http://www.ac-versailles.fr/pedagogi/gephg/pedagogie/terminales/memoire2.htm>. Acesso em 07 de julho de 2005.

⁶ LYTHGOE, Esteban. Op. cit. p. 81.

concentração, porque a racionalização desses eventos os destituiria do seu caráter afetivo e únicos”.⁷ Transcrevendo-se as palavras de Frank Ankersmit em *Historical representation*, “a dimensão da experiência é o que geralmente se perde na representação, e podemos concluir que é a experiência ou o re-experienciar o Holocausto o que nos confronta com o limite da representação”.⁸ Ainda segundo Lythgoe, para Ankersmit, “o único tipo de narrativa que pode aproximar-se dos horrores dos campos de concentração sem perder esta dimensão são os testemunhos dos seus sobreviventes”.⁹ Do outro lado, Pierre Nora e Krzysztof Pomian, se posicionam a favor da história, mesmo que antes compreenda que entre memória e história exista uma zona confusa, algo explicável por força das circunstâncias da própria sociabilidade:

*“Savoir sous quel régime d'historicité on travaille, en comprendre le mécanisme, en analyser les contraintes est la première des façons de n'en être pas l'esclave. Faire, como je crois que l'historien du contemporain y est obligé, une 'histoire au second degré', c'est contribuer à ce que la critique historique se transforme en histoire devenue tout entière critique d'elle-même”.*¹⁰

Krzysztof Pomian também faz a defesa da história:

*“Je ne crois pas que le conflit, quando conflit il y a, 'reste indécidable'. Mais je crois, en effet, que le problème des rapports entre ma mémoire et l'histoire ne saurait être résolu que par l'historicisation de l'une et de l'autre”.*¹¹

⁷ Ibidem.

⁸ ANKERSMIT, Frank. R. *Historical representation*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

⁹ LYTHGOE, Esteban. Op. cit. p. 81.

¹⁰ NORA, Pierre. Op. cit. P. 30.

¹¹ POMIAN, Krzysztof. Sur les rapports de le mémoire et de l'histoire. *Débat. Mémoires du XXème siècle*, n°122, nov-déc 2002, pp.24-31. Disponível em <http://www.ac-versailles.fr/pedagogi/gephg/pedagogie/terminales/memoire2.htm>. Acesso em 07 de julho de 2005.

Paul Ricoeur introduz nessa discussão a preocupação fenomenológica, tentativa de explicação dos fatos que não está centrada nem na perspectiva histórica nem na dinâmica social dos mesmos, mas nos próprios fatos, como forma e possibilidade de estabelecimento de um nexos entre memória e história, a partir de uma visão ontológica de ambas. Num artigo intitulado *Mémoire: approches historiennes, approche philosophique*, além da defesa de uma posição nitidamente conciliatória entre as posições anteriores, Ricoeur chega a defender uma relação dialética entre memória e não a subsunção de uma pela outra:

“O problema da relação entre memória e história começa [...] quando as coletividades, que se designam como um ‘nós’, sujeito coletivo de atribuição do fenômeno mnemotécnico, vêem a fidelidade presumida de sua rememoração confrontada com a veracidade também presumida, mas sobre uma base crítica do discurso histórico”.¹²

Ainda segundo Lythgoe, “frente aos defensores da memória, Ricoeur prefere distinguir uma narrativa de primeira ordem própria dos testemunhos e uma de segunda ordem que é própria dos historiadores”,¹³ a partir dos quais os assim chamados “falsos testemunhos” poderia ser criticamente desmantelados. De outra forma, pode-se deduzir da posição de Paul Ricoeur que a estrutura ontológica da memória lhe impossibilita um estatuto de veracidade pois, segundo o autor, “o vínculo cognitivo estabelecido com o passado não comporta uma pretensão à verdade senão a fidelidade da lembrança, que não chega a constituir-se num *truth claim* de tipo crítico senão uma certeza imediata”.¹⁴

¹² RICOEUR, Paul. In *Débat. Mémoires du XXème siècle*, n°122, nov-déc 2002, p. 57.

¹³ LYTHGOE, Esteban. Op. cit., p. 82.

¹⁴ RICOEUR, Paul. Op. cit., p. 56.

3. Memória e imaginação

A relação da memória com a imaginação ocupa a parte inicial de *La mémoire, l'histoire, l'oublie*. Porém, já em *Temps et récit* aparece a preocupação com o assunto, quando, para Ricoeur, a narrativa era considerada mais que um recurso exterior à investigação histórica, integrando-se, ela mesma a tal investigação. Na parte inicial de *La mémoire, l'histoire, l'oublie*, que tem o título *De la mémoire et de la réminiscence*, num diálogo que abrange desde Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Edmund Husserl, Henri Bergson a Maurice Halbwachs, Ricoeur realiza uma fenomenologia da memória com o intuito de perceber como se dá a representação de algo. O que é o fenômeno mnemônico, parece ser a questão central. Paul Ricoeur pretende aí realizar a distinção entre o que é simplesmente imaginado e o que é retomada, pela memória, daquilo que tenha ocorrido no passado, assinalando a preocupação cognitiva desta última. Isto conduz o autor aos conceitos gregos de *mnêmé* e *anamnésis*, compreendendo este último como uma forma de busca intencional, contrariamente ao primeiro, que assume um caráter de passividade.

Outras formas de manifestação da memória são também postas por Paul Ricoeur no início do seu livro. Apoiando-se em Edmund Husserl, o autor afirma que se a memória participa do “mundo da experiência”, a reminiscência tem a capacidade de “fazer-memória”, numa perspectiva que torna o homem capaz da rememoração fiel ao passado (“memória feliz”). Esta expressão tem o caráter de um trabalho de reconhecimento que constitui, para Ricoeur “o pequeno milagre da memória”. Todavia, a memória não está de todo isenta de ser assaltada por obstáculos e abusos (“abusos da memória”). Por outro lado, Ricoeur identifica uma “memória impedida”, que deve ser de grande interesse para o

trabalho psicanalítico; uma “memória manipulada” e uma “memória comandada”, ambas decorrentes das formações e distorções políticas e ideológicas da memória. A primeira, a “memória manipulada”, como parece ser claro, surge dos esforços pela promoção de uma identidade construída sobre crenças e recusas, da visão do “outro” como fonte da infelicidade ou do perigo. Já a “memória comandada” se torna manifesta toda vez que alguém é submetido a um processo de direcionamento da sua consciência, o que por sua vez também pode ser explicado por razões políticas ou ideológicas.

Na análise fenomenológica desenvolvida em *La mémoire, l'histoire, l'oublie*, o autor identifica um estreito vínculo entre memória e imaginação, já tratados tanto por Henri Bergson (quando este autor trata da distinção entre memória pura e recordações, em *Matière et mémoire*) quanto por Edmund Husserl (quando este procura estabelecer as diferenciações entre imaginação e memória). Segundo ele, “uma fenomenologia da memória não pode ignorar o que se denomina de armadilhas do imaginário, na medida em que este pôr em imagens que acompanha a função alucinatória da imaginação constitui uma espécie de debilidade, de descrédito, de perda de confiabilidade para a memória”. Não encontrando nem em Husserl nem em Bergson respostas muito convincentes, pois estes não conseguem explicar como a imagem da memória continua ligada ao passado, Paul Ricoeur indaga-se sobre “como explicar que a recordação surge sob a forma de uma imagem e que a imaginação assim mobilizada toma formas que escapam à função do irreal?”. Remontando às proposições iniciais sobre este assunto realizadas pelos filósofos gregos, Ricoeur busca uma associação dos seus argumentos aos de Platão, na metáfora do bloco de cera: “este enigma deve ser provisoriamente dissociado da questão posta pela perseverança da afecção primeira, ilustrada pela famosa metáfora da marca do selo e conseqüentemente da questão

de saber se a fidelidade da recordação consiste numa semelhança do *eikon* da impressão primeira”.¹⁵

Na continuidade da exposição Paul Ricoeur vai realizar um deslocamento da análise fenomenológica da memória, incorporando outras dimensões como os traumas e a manipulação, que certamente resultam de determinações que são da ordem dos esquemas societários, no que ele se aproxima das abordagens que se apóiam na historicidade, realizadas por Pierre Nora e Krzysztof Pomian. Aqui Paul Ricoeur se utiliza da distinção entre os conceitos de *memorização* e *rememoração* em que o primeiro se refere às formas de aprendizagem do que já é por outros conhecido e o segundo à retomada consciente de um fato ou acontecimento ao qual alguém tenha tido a oportunidade de vivenciar. O autor propõe o uso de técnicas capazes de realizar o estabelecimento de vínculos das idéias com as imagens, lembrando a forma metafórica platônica, já enunciada acima, só que desta vez a imaginação é que se transforma no “lugar” onde essas marcas se imprimem; “a mnemotécnica que se aplica é a glória da imaginação, da qual a memória se torna um anexo”.¹⁶ Paul Ricoeur vê esta “arte” dividida em três etapas. Na primeira encontra-se a “reinscrição agostiniana da retórica latina em uma interpretação platônica da memória vinculada com o fundamental, em lugar do eventual”; a segunda etapa consiste no conhecimento produzido pelo pensamento escolástico, que nos ensina que é “através da memorização que são inculcados todos os saberes que conduzem à beatitude” e, por último, através do pensamento do filósofo Giordano Bruno, pode-se vislumbrar a “confluência da mnemotécnica com o *segredo hermético*”, combinação do astral com o terreno, onde os

¹⁵ RICOEUR, Paul. Op. cit., p. 32

¹⁶ RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oublie*. Paris: Ed. du Seuil. 2000, p. 75.

limites entre memória e esquecimento são transgredidos e onde a imaginação assume um papel fundamental.¹⁷ Segundo o autor, neste estágio “a imaginação, liberada do passado assume o lugar da memória”.¹⁸

¹⁷ LYTHGOE, Esteban. Op. cit., p. 86.

¹⁸ RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oublié*. Paris: Ed. du Seuil. 2000, p. 80.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. I. Tradução Sérgio Paulo Rouanet et al. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERTRAND, Olivier. Paul Ricœur - *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. In *Revue politique et sociétés*, Vol. 20, n° 1, 2001. Disponível em http://www.unites.uqam.ca/sqsp/RSCPOL/20_1/index.html. Acesso em 07 de julho de 2005.

LYTHGOE, Esteban. *Consideraciones sobre la relación historia-memoria en Paul Ricoeur*. In *Revista de Filosofía*. Universidad de Buenos Aires. Disponível em: www.uchile.cl/facultades/filosofia/publicaciones/revfiloso/60/pdf/lythgoe.pdf. Acesso em: 07 julho de 2005.

RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina, 2000.

RICOEUR, Paul. *Mémoire: approches historiennes, approche philosophique*. In *Débat. Mémoires du XXème siècle*, n° 122, nov-déc 2002, p. 41-61.

POMIAN, Krzysztof. Sur les rapports de le mémoire et de l'histoire. In *Débat. Mémoires du XXème siècle*, n°122, nov-déc 2002, pp.24-31. Disponível em <http://www.ac-versailles.fr/pedagogi/gephg/pedagogie/terminales/memoire2.htm>. Acesso em 07 de julho de 2005.

RODRÍGUEZ, Margarita Vega. Tiempo y narración en el marco del pensamiento postmetafísico. *Especulo*. Revista de estudios literarios. Madrid. Editora Universidad Complutense de Madrid, n.18.2001. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero18/ricoeur.html>. Acesso em 07 de julho de 2005.